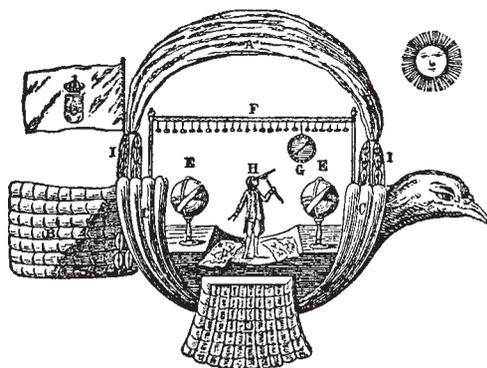


# outros ensaios



# Língua Portuguesa e Línguas Crioulas nos Países Africanos

Benilde Justo Caniato\*

\* Universidade de São Paulo

A expansão marítima e colonial a partir da primeira metade do século XV, e a emigração com ela relacionada, a princípio, e depois motivada por outras razões, foram os principais fatores que determinaram a expansão da língua portuguesa pelos quatro cantos do mundo.

Em 1415 os portugueses tomaram Ceuta, logo depois, em 1418, descobriram a ilha da Madeira, e por volta de 1427 descobriram os Açores. Na segunda metade do século XV, tomando outro rumo, iniciam a expansão pela África, levando sua língua, ponto de partida de várias línguas crioulas, cuja difusão alcançaria os litorais ocidental e oriental da África e, no final do século, o litoral da Ásia.

Havia na África uma grande diversidade étnica, quando se deram os primeiros contatos dos portugueses, estabelecendo povoações e feitorias. Após o comércio dito “silencioso”, ensinada a língua aos povos africanos, esta se foi difundindo principalmente pelo litoral. Um dos meios de difusão foi levar africanos para Portugal a fim de aprenderem o português, e depois trazê-los de volta para a África, já aculturados.

Em meados do século XVI, o português já teria assumido estatuto de língua “franca”. Silva Neto refere que em 1551 quando o inglês Windham esteve na Guiné observara que o rei de Benim falou com os ingleses em português, língua que havia aprendido na infância. E pouco mais tarde, em 1563, Beker observara, quando visitou a costa da Mina, “que ao oeste do Cabo das Três Pontas os negros falaram um bom português”. (1988, p. 514)

## Línguas crioulas

O crioulo<sup>1</sup> português é a língua falada por alguns povos da África, aproximando-se de meio milhão o número de falantes. Também é língua de comunicação de algumas pequenas populações da Ásia. Atualmente, as pesquisas lingüísticas têm demonstrado que tais linguagens, quanto à formação e à estrutura, não devem ser consideradas como periféricas ou marginais.

O aparecimento dos crioulos se deveu à necessidade de comunicação entre portugueses e povos das costas africanas e regiões da Ásia, a partir das primeiras descobertas do século XV. Não se tratava de uma língua uniforme, pois refletia a variedade dos falantes e também das línguas nativas com as quais os portugueses entravam em contato. Dessa língua, que servia principalmente às necessidades de comércio, chamada “língua franca” pelo viajante alemão Otto Mentzel, na primeira metade do século XVIII, para diferenciá-la da “língua franca mediterrânea”, chegou-se ao “pidgin”<sup>2</sup>, língua que se presume ter formado “onde” e “quando” houve condições. Há duas hipóteses que explicam seu surgimento: a) por interesse comercial teria surgido no Oriente, ou seja, na época do comércio mais intenso com a Índia, espalhando-se para outras regiões; b) pelo intenso tráfico de mão-de-obra africana, nas costas ocidentais da África, entre a Guiné e Cabo Verde. Este último “pidgin”, provavelmente, deveria ter sido a base do surgimento dos crioulos portugueses, dadas as condições externas favoráveis.

Quando o tráfico comercial português entrou em declínio, o “pidgin” desapareceu com o tempo, ou nativizou-se, crioualizando-se e, expandindo sua estrutura e vocabulário, tornou-se a língua-mãe da comunidade. Por essa razão, Hall Jr. denomina os crioulos de “pidgins enriquecidos, pidgins nativizados”. (Tarallo & Alkmin, 1987, p. 97)

<sup>1</sup> O termo “crioulo”, já usado no século XVI, origina-se de “criadouro”, segundo Leite de Vasconcelos. Ou de “cria” (escravo), deverbal de “criar”, com uma terminação difícil de explicar. (CUNHA, 1996) Em face de sua origem, o termo continua estigmatizado, geralmente associado a subdesenvolvimento, inferioridade cultural. O escritor Luís Romano denomina o crioulo de Cabo Verde de “língua caboverdiana”, por não aceitar tal estigmatização.

<sup>2</sup> Há muitas explicações para a origem do termo “pidgin”, usado pela primeira vez em 1850, para se referir à mescla de contato chinês + inglês. Uma das mais conhecidas é a da corruptela chinesa do inglês “business” (negócio). Para outras explicações, v. Tarallo & Alkmin, 1987, pp. 80-82.

O crioulo possui uma comunidade de falantes nativos e desempenha funções sociais amplas, como qualquer língua natural. Para sua formação juntam-se dois pólos sociais: o superstrato do dominador, e o substrato do dominado. Tomando-se a língua-fonte como principal referência, verificam-se alterações que atingem todo o sistema fônico, lexical, gramatical, etc.

As línguas crioulas oferecem um sistema gramatical mais simples do que o sistema primitivo, ocorrendo entre a fase inicial e a da sua constituição a simplificação ou eliminação das flexões nominais e verbais: ausência de distinção de gênero e de marcador do plural; verbos não-flexionados; ausência de hipotaxe, etc. Convém assinalar que há fenômenos crioulos que não encontram explicações no português de hoje. As dificuldades ocorrem, tendo-se em vista a variedade dialetal do português oral da época das descobertas, uma vez que os colonos pertenciam a várias regiões de Portugal.

Baltasar Lopes considera que os crioulos em geral teriam tido uma fase bilíngüe inicial, seguindo-se outra em que o africano já assimilara uma estrutura gramatical simplificada do português. Partindo-se dessa base simplificada, pode-se compreender sua vitalidade, tornando-se impossível sua erradicação como fala comum e até sua viabilidade literária. (1984, p. 42)

Os crioulos portugueses na África, segundo critérios geográficos, classificam-se em:

1. crioulos das ilhas do Golfo da Guiné:
  - 1.1. de São Tomé;
  - 1.2. de Príncipe;
  - 1.3. de Ano Bom;
2. crioulos do Arquipélago de Cabo Verde, com duas variedades:
  - 2.1. de Barlavento;
  - 2.2. de Sotavento;
3. crioulo da Guiné-Bissau;
4. crioulo do Senegal.

1. O Golfo da Guiné compreende as ilhas de São Tomé, de Príncipe e de Ano Bom. São Tomé e Príncipe foram colônias portuguesas e hoje cons-

tituem um país independente. Ano Bom foi portuguesa até 1778, quando passou para a Espanha, em troca de algumas ilhas nas costas brasileiras.

Em São Tomé há duas variedades de crioulo: o sãotomense ou forro e o angular. E em Príncipe, há o crioulo moncó. O angular é falado na parte oriental e ocidental de São Tomé. O forro e o moncó têm como substrato o português, com mais de 90% em nível de léxico. A política lingüística nas duas ilhas favorece a coexistência do português com os crioulos, ainda que estes não estejam gramaticalizados e dicionarizados. Há textos em crioulo forro publicados por escritores santomenses.

2. O Arquipélago de Cabo Verde compreende dez ilhas: as de Barlavento, ao Norte: Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal, Boa Vista e Santa Luzia (esta ilha é habitada por uns poucos pastores); e as de Sotavento, ao Sul: Santiago (onde está Praia, a capital do Arquipélago), Maio, Fogo e Brava.

O povoamento difícil em Cabo Verde, devido ao clima rude, deu-se com portugueses e, em maior número, com uma população escrava de origem africana. Com a estabilização do “pidgin”, surgiu o crioulo, que se tornou a língua materna do caboverdiano. Mas o crioulo não se alastrou de forma homogênea pelo Arquipélago, distribuindo-se em dois grandes grupos: o de Barlavento e o de Sotavento, nomes sugeridos pelos ventos alíseos.

A tradição literária em crioulo é de fins do século XIX, quando o *Almaque luso-africano* (2 volumes: 1894 e 1899) publicou historietas, anedotas, lendas, poesias e letras de canções. Até as primeiras décadas do século passado, o acervo literário constitui-se praticamente de poesia lírica e satírica, na forma de “mornas” e “finançons”<sup>3</sup>. Eugênio Tavares (Nhô Eugênio) e Pedro Cardoso são os primeiros a compor o núcleo literário em crioulo, estimulando a formação de uma vanguarda nos anos 30. Escreveram na variante de Sotavento, por ser mais harmônica e utilizada por um maior número de falantes.

A revista *Claridade*, em 1936, consagrou efetivamente o crioulo com textos publicados na página de rosto de seus primeiros números, enobre-

<sup>3</sup> “morna”: canção de saudade, de “crechéu” (querer muito), reflete a morabeza, isto é, o sonho e o sofrimento contidos do caboverdiano; “finançons” são danças e cantigas de desafio, típicas da ilha de Santiago.

cendo a língua nativa caboverdiana. Mais recentemente, a produção literária de Cabo Verde tem sido estimulada com textos em crioulo, buscando traduzir o universo sociocultural do Arquipélago. Ovídio Martins, Kaoberdiano Dambará, Luís Romano, Manuel Veiga têm publicado poesia e prosa na língua de Cabo Verde.

3. Na Guiné-Bissau, o crioulo guineense e a variedade de Sotavento de Cabo Verde formam um grupo dialetológico, que se explica pela presença caboverdiana na colonização da Guiné portuguesa e pela história política e social desta nação africana que se prende à de Cabo Verde, pois até 1879 esteve ligada administrativamente ao Arquipélago. Como a língua portuguesa é só utilizada na escrita (livros, jornais, comunicações oficiais), acabou por não criar raízes no país e a intercomunicação entre os vários grupos se faz em crioulo. Maria Augusta Henriques diz que “inclusivamente nas reuniões de Conselho de Ministros, fala-se quase essencialmente o crioulo”. (*Actas*, 1985, p. 237)

4. O crioulo português do Senegal é falado na cidade de Ziguinchor, região de Casamance, por cerca de duas mil pessoas. Ziguinchor fica na fronteira do Senegal com a Guiné-Bissau e foi possessão portuguesa até fins do século XIX, passando depois para o domínio francês. Ainda que sofra influência do francês, o crioulo do Senegal tem muitas semelhanças com o da Guiné-Bissau.

## Língua portuguesa

A língua portuguesa, na África, expandiu-se não só pelos contatos diretos, como também pelos religiosos, principalmente os jesuítas, através das escolas que foram sendo criadas e para onde afluíam africanos de diversas regiões. Com a independência dos países africanos, na década de 70 do século passado, o português se tornou a língua oficial, da instrução, da administração pública e da política nacional e internacional.

## Angola

A política de assimilação em Angola, instituída no século XIX, vinha conduzindo a burguesia preta e mulata a absorver aspectos da cultura por-

tuguesa. A aprendizagem da língua, tanto escrita como falada, fora um dos principais requisitos, talvez o principal, desenvolvido pela política colonialista em Angola e nas outras então colônias africanas.

Angola é uma nação plurilíngüe, em face de suas inúmeras línguas nativas. Como língua veicular, o português consolida-se como língua de cultura, instrumento de propaganda da revolução pró-independência. Em 1969 já dizia Amílcar Cabral:

Temos que ter um sentido real da nossa cultura. O português (língua) é uma das melhores coisas que os tucas nos deixaram, porque a língua não é prova de nada mais senão um instrumento para os homens se relacionarem uns com os outros, é um instrumento, um meio para falar, para exprimir as realidades da vida e do mundo. (1976: 101)

Língua materna dos angolanos que vivem nas regiões urbanas, constitui língua segunda, principalmente nas zonas rurais, onde se encontra a maior parte da população nativa.

## Cabo Verde

Coexistem em Cabo Verde duas línguas: a portuguesa e a caboverdiana (crioulo), sendo esta o instrumento primordial de comunicação diária. Nas camadas em que há mais instrução ou escolaridade, o português, embora língua segunda, “é tão manejável como o crioulo, mas a um nível que ultrapassa os limites do português corrente”. Há ali um português vernáculo, até mais rebuscado que em Portugal, falado e escrito pela população culta. E também um rudimentar, falado pelas camadas populares em determinadas ocasiões. (*Actas*, p. 227)

Nas situações de diálogo, o caboverdiano (porteiros, contínuos, polícias, caixeiros, etc.) mantém o mesmo código do emissor. Os alunos falam português com os professores, mas com os colegas falam crioulo. Os jogos de futebol são relatados em português, o povo discute e comenta, no entanto, em crioulo. Enfim, existe em Cabo Verde o bilingüismo, duas línguas que, “a partir de um determinado momento histórico, deixaram de estar em conflito ou tensão. O português é língua estrangeira – talvez – mas não é estranha na nossa terra”. (*Actas*, p. 228)

## Guiné-Bissau

A Guiné não teve a mesma atenção que outras colônias. Geralmente eram comerciantes portugueses que iam para lá, ficando apenas algum tempo, razão pela qual, pouco mais de 10% de sua população fala e escreve português. Posteriormente, com a independência, tornou-se a língua das escolas e das relações oficiais, como nas outras nações luso-africanas.

O português é usado quase que exclusivamente na escrita: livros, jornais, administração pública, escola. Ainda que seja utilizado no ensino (básico, secundário, profissional e técnico), muitas vezes no básico e mesmo no complementar se recorre ao crioulo, como recurso didático.

## Moçambique

País com 10 milhões de habitantes, Moçambique tem pouco mais de 20% da população falante de português. Na década de 70, por ocasião da independência, segundo Perpétua Gonçalves, o número de moçambicanos com acesso ao português, provavelmente não ultrapassava 10% (*Actas*, p. 244)

A imprensa, jornais escritos, é o principal veículo do português, em sua forma culta. Dos vários jornais, o diário *Notícias*, cujo primeiro número remonta a 1926, tem uma tiragem diária entre 25 mil e 40 mil exemplares, número bastante expressivo. Como diz Fátima Ribeiro, os jornais desempenham, em Moçambique, “um importante papel na apresentação de um modelo (ou melhor, modelos) para a língua que só num plano ideal se pode pretender que tenha como padrão o português europeu”. (1996, p. 116)

## Ilhas de São Tomé e Príncipe

Nestas ilhas, o português apresenta vantagens sobre os crioulos, por ser língua gramaticalizada e dicionarizada. As alterações sintáticas, morfológicas, lexicais, fonéticas e empréstimos do crioulo caracterizam o português santomense (Eu pedi você. Estou a pensar você.) Não representam ruptura, mas transformações, tornando a língua mais “enriquecida e adaptada às necessidades histórico-políticas do presente.” (*Actas*, p. 259)

Em relação ao discurso literário observa-se que vários escritores rompem com a norma do português europeu. Alguns optam até por escrever na língua materna, como o caboverdiano Luís Romano que tem obras em crioulo. Outros fixam vocábulos e construções locais, incorporando a oralidade não só nas falas das personagens, como também no discurso do narrador. Confirmam-se os seguintes fragmentos de *Chiquinho*, romance de Baltasar Lopes, publicado em 1947:

Pitra assobiava como pardal jardinol. [...] Pegou um lato e bateu rijo em Pitra. [...] Pegou a caixa e naquela agorinha saiu. [...] Nem parecia o mesmo que descascava os dentes num bom riso largo. (1986, pp. 14-15)

Com o sufixo -ol, forma “jardinol”; derivação por supressão; “lato” (de látego); “descascava os dentes” assume este significado por analogia.

Maria, você diga Pitra para ter cuidado com as cabras para não estragar planta no Trás de Pico. No Daisy mando vocês umas pranchas para um portal novo. (1986, p. 11)

Neste fragmento, o autor suprime os nexos gramaticais, numa subversão à sintaxe do padrão europeu.

Em Angola, algumas narrativas de Luandino Vieira, que têm como tema a vida dos “musseques”, oferecem vasto campo para o estudo literário do fenómeno de aculturação lingüística. Confirmam-se os exemplos, extraídos de *Luuanda*:

[...] e falou a Cabiri estava presa debaixo dum cesto [...] (1982, p. 101)  
— Mas então, Bina, você queria mesmo a galinha ia te pôr um ovo? (p. 104)  
Vieste na minha casa, entraste no meu quintal, quiseste pelejar mesmo! (p. 102)

Nos dois primeiros exemplos a supressão do conectivo instaura um “vácuo relacional”, levando o pensamento a progredir por saltos. A esta sintaxe, Salvato Trigo chamou de “cangurística” (1980, p.241). No 3º exemplo, a preposição “em”, empregada com um verbo de movimento, indica in-

terferência das línguas da família banto, que usam o prefixo “ku” (significa “em”), que tem o significado de “para” com verbos de movimento. (MARQUES, 1985, pp.221-22)

Em Moçambique, Mia Couto adota inovações lexicais e mecanismos sintáticos em seu discurso, por um processo criativo que não se insere na norma-padrão do português europeu. Suas crônicas ou “pequenos contos” de *Cronicando* revelam sobejamente tais desvios:

E o Ezequiel, em minha imagináutica, ganhava os infindos modos de ser filho, homem com méritos para permanecer menino. Cacilda escuta num embalo, houvessem em minha voz ondas de um sepultado mar. Ela embarcava de visita a seu filho, tudo se passando na bondade de uma mentira. Diz-se: na própria doideira nos vamos loucurando. (1991, pp. 10-11; grifos meus)

Como vimos, o português é a língua oficial nas cinco nações africanas, ainda que as línguas nativas sejam as da comunicação diária, principalmente fora das regiões urbanas. A norma estabelecida nas escolas, meios de comunicação e textos oficiais tem sido a norma-padrão do português europeu. Por não ser a língua materna de grande parte da população, mas língua segunda, ocorrem desvios, interferências, empréstimos. Criam-se, então, novas normas, que não coincidirão com as do português-padrão, angolanizando-se, caboverdianizando-se, moçambicanizando-se, etc., enfim, re-nacionalizando-se na linguagem oral e na escrita.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, Amílcar. “Apontamentos sobre a poesia caboverdiana”. In *Vozes* : Petrópolis, 1: 15-21, 1976.
- CARVALHO, J. G. Herculano de. *Estudos Lingüísticos*. Coimbra: Atlântida, v. 2º, 1969.
- COUTO, Mia. *Cronicando*. 3 ed. Lisboa: Caminho, 1991.
- CUNHA, Geraldo. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- CUNHA, Celso. *Língua, nação, alienação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- ELIA, Sílvio. *A Língua Portuguesa no mundo*. São Paulo: Ática, 1989.
- FERREIRA, Manuel. *O discurso no percurso africano*. Lisboa: Plátano, 1989.

- GONÇALVES, Perpétua. “Situação lingüística em Moçambique – Opções de escrita”. In *Colóquio/Letras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, no.110-111: 88-93, 1989.
- LOPES, Baltasar. *O dialecto crioulo de Cabo Verde*. Lisboa: Casa da Moeda, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Chiquinho*. São Paulo: Ática, 1986.
- LOURENÇO, Eduardo e outros. Em *Atlas da Língua Portuguesa na história e no mundo*. Lisboa: Casa da Moeda, 1992.
- MARQUES, Irene Guerra. “Considerações sobre a problemática lingüística em Angola. In *Actas do Congresso sobre a situação actual da Língua Portuguesa no mundo*. Lisboa: Icalpe, p. 205-22, 1985.
- MORAIS-BARBOSA, Jorge. *A Língua Portuguesa no mundo*. Lisboa: Sociedade de Geografia, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Estudos lingüísticos crioulos* (introdução e notas). Lisboa: Sociedade de Geografia, 1967.
- RIBEIRO, Fátima. “Moçambique, março de 1995: o português da imprensa”. In *Confluência*. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, 12: 115-135, 1996.
- SILVA NETO, Serafim da. *História da Língua Portuguesa*. 5 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988.
- TRIGO, Sálvato. “O texto de Luandino Vieira. In LABAN, Michel e outros. *Luandino Vieira e a sua obra*. Lisboa: Ed. 70, p. 232-255, 1980.
- VIEIRA, Luandino. *Luuanda*. São Paulo: Ática, 1982.
- TARALLLO, Fernando & ALKMIN, Tânia. *Falares crioulos – línguas em contacto*. São Paulo: Ática, 1987.

